

**CONSÓRCIO INTERMUNICIPAL PARA O
GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS SÓLIDOS
URBANOS**

**SIPAR – SISTEMA INTEGRADO DE
PROCESSAMENTO E APROVEITAMENTO DE
RESÍDUOS**

ESTUDO DE IMPACTO AMBIENTAL

ARQUEOLOGIA

Arqueólogo - Julio Cezar Telles Thomaz

**Assistente de Campo - Priscila Busatto, bacharel em Turismo e pós
graduada em Ecoturismo**

JUNHO/2008

1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As características técnicas do empreendimento em pauta frente à fragilidade em geral observada nos eventos arqueológicos, bem como a probabilidade da descoberta de locais contendo vestígios culturais não cadastrados junto ao IPHAN, colocam o patrimônio cultural/arqueológico sob risco iminente de destruição parcial ou total.

Em caráter meramente preliminar, foram então realizadas campanhas de campo visando à cobertura parcial das três áreas designadas para estudo, bem como o entorno imediato.

O arrolamento expedito dos dados secundários relacionados à arqueologia regional e às características ambientais, também foi objeto dessa abordagem sem, no entanto, o aprofundamento que se espera das próximas etapas da pesquisa.

Faz-se relevante notar que, pelas características apriorísticas dessa visita técnica, não foi executado nenhuma intervenção em sub-superfície ou quaisquer outros procedimentos intervencionistas.

As coletas superficiais deram-se em contexto situacional de leito de estrada secundária e as doações de material arqueológico da região decorreram das entrevistas aleatórias.

Essa avaliação preliminar foi comunicada à 10ª Superintendência Regional do IPHAN no dia 26 de maio por email e, no mesmo dia, através de visita a esse instituto quando em contato com a arqueóloga Elenita Rufino. Ainda no dia 26 de maio foi realizada uma consulta técnica junto ao Centro de Estudos e Pesquisas

Arqueológicas da UFPR, referente à atualização de dados da arqueologia regional.

Já a solicitação da Empresa Resitec, sediada em Taubaté-SP, também ocorreu por meio de correspondência eletrônica datada de 01 de maio de 2008

2 – OBJETIVOS DA AVALIAÇÃO PRELIMINAR

Verificação in situ de algumas variáveis ambientais nas áreas de influências direta e indireta do empreendimento relacionando-as à constatação de possíveis vestígios materiais provenientes de assentamentos, atividades cotidianas e ao trânsito de populações pretéritas na área diretamente afetada;

Coleta de dados primários para subsidiar eventual projeto de pesquisa (diagnóstico arqueológico detalhado e levantamento intensivo);

Coleta amostral de informações orais;

Registro fotográfico e georeferenciamento;

Levantamento preliminar dos dados secundários de arqueologia e etno-história regional.

Encaminhamento das doações de material arqueológico para o CEPA-UFPR.

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS –

3.1 – Campo (dois pesquisadores)

Caminhamento e visualização superficial em alguns compartimentos ambientais com maiores probabilidade de ocorrência de material arqueológico, procedimento oportunístico-não sistemático (ADA);

Visualização superficial em leitos de estradas, feições erosivas etc (ADA e AID);

Registro fotográfico com câmara digital e em UTM (sistema WGS84) de pontos significativos (ADA e AID);

Entrevistas aleatórias não gravadas em áudio, sem roteiro e formulários prévios.

3.2 – Gabinete- Laboratório

Encaminhamento das doações e recebimento dos ofícios de doações CEPA-UFPR;

Arrolamento preliminar do material coletado e doado.

Elaboração do parecer com resultados de campo e dados secundários;

4 – OCUPAÇÃO REGIONAL (Síntese)

Baseado em Maack (1968), pesquisadores paranaenses ressaltam que “O chamado planalto curitibano reveste-se de um grande número de características ambientais favoráveis à ocupação humana. Dentre as principais, pode-se citar a existência de variada cobertura vegetal, constituída de matas de Araucária, campos, Floresta Atlântica, vegetação de várzeas, entre outros ecossistemas associados, que representam formações vegetais atuais ou remanescentes de climas pretéritos” (CHMYZ e BROCHIER, 2004).

Os vestígios de ocupação e do trânsito dessas populações ancestrais no planalto curitibano remontam a pelo menos quatro milênios. São grupos nômades caçadores-coletores e aceramistas que a arqueologia tipifica como Tradição Arqueológica Umbu.

Populações ceramistas, mais numerosas e com agricultura incipiente, puderam ser identificadas pelos estudos regionais datando-as em aproximadamente dois milênios, referentes às Tradições Arqueológicas Itararé-Taquara e Tupiguarani.

É recorrente, no entanto, na historiografia regional, adotar como marco inicial da ocupação do planalto de Curitiba, o século XVI e as atividades mineratórias e de criação de gado, período a partir do qual a arqueologia denomina a cultura material associada como pertencente à Tradição Arqueológica Neobrasileira.

Outro dado regional de extrema relevância refere-se a um sistema viário complexo intensamente utilizado pelas populações originais e, mais tarde, pelos primeiros colonizadores do planalto de Curitiba. Trata-se de diversos caminhos calçados com pedras irregulares e que serviam de base para a circulação de pessoas e mercadorias a partir do século XVI e até o final do século XIX.

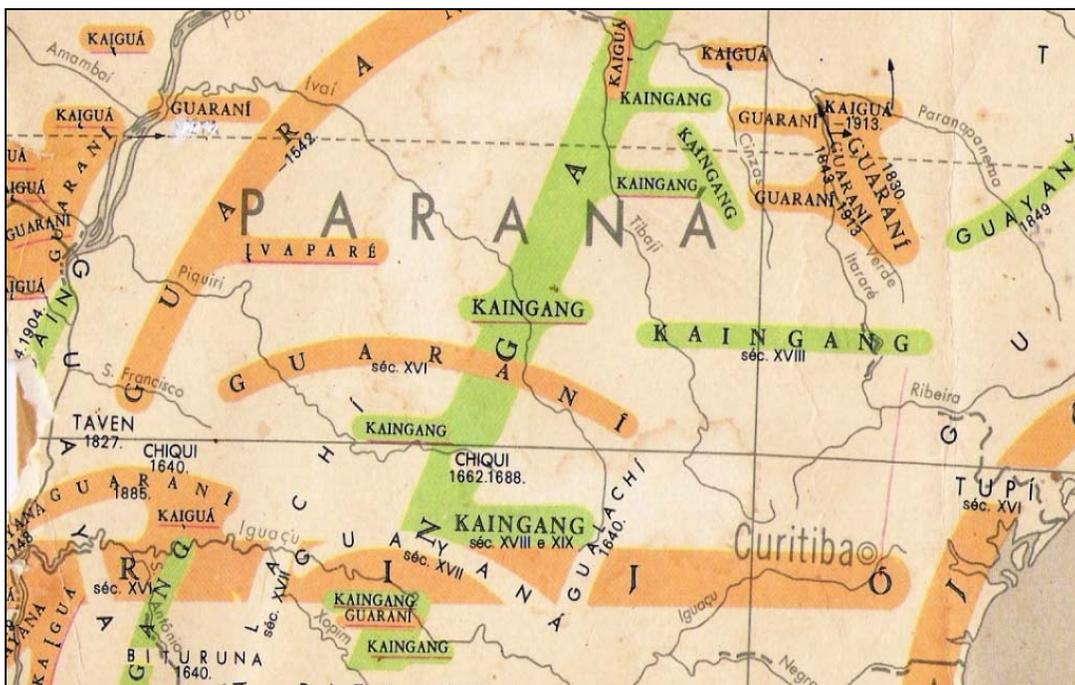
Destaca-se, na região pautada para a atual abordagem, o Caminho dos Ambrósios que nas palavras do pesquisador Julio Moreira “nascia no fundo da baía de Babitonga, no lugar em que três riachos desaguavam, uns perto dos outros, formando as “Três Barras”. Por vezes, no litoral, os viandantes atingiam as Três Barras por uma vereda que partia do incipiente porto pesqueiro do Saí, em direção a noroeste, até aquele ponto. Das Três Barras a trilha pelo Palmital, subia pela encosta da serra e, não mui distante, alcançava o planalto.” (MOREIRA, 1975)

povoação de Curitiba (Vilinha), os registros materiais relacionados às diversas fases econômicas como a mineração, o tropeirismo, o período escravagista, da exploração da erva-mate, da imigração, entre outros.” (CHMYZ e BROCHIER, 2004)

O historiador paranaense Romário Martins, ao catalogar parte do acervo da Seção de Arqueologia do Museu Paranaense, sediado em Curitiba, menciona “machados de pedra polida, procedentes do município de Araucária” (MARTINS 1925). Ainda o mesmo autor, relata que na região de São José dos Pinhais havia sido encontrado um almofariz em forma de coco (*pilão*) e conclui “a abundância de minério de cobre que este almofariz apresenta, incrustado na pedra, faz crêr que o seu uso não fosse para trituração de alimentos, mas, talvez, para o preparo de venenos com que os índios antigos “hervavam” as suas flechas de guerra” (1925)

A toponímia regional é ricamente relacionada à presença da população original. Nota-se que a denominação primeira do município de Araucária, por exemplo, foi Tindiquera (buraco de Tinguí). Chmyz (2003) aponta uma incorreção nessa denominação, uma vez que os “buracos de bugre”, comuns na região de Araucária, Fazenda Rio Grande, São José dos Pinhais, Mandirituba etc, são comprovadamente relacionados às populações filiadas a Tradição Arqueológica Itararé-Taquara, e não à Tupiguarani de onde teriam se originado os Tinguís da família lingüística Tupi-Guarani. À família lingüística Tupi-Guarani atribui-se várias outras denominações de etnias regionais como por exemplo os Guarani, os Cário, e os Carijó.

O mapa elaborado pelo etnólogo Curt Nimuendaju na década de 1940, ilustra o mosaico cultural no momento do contato com o elemento europeu e nos séculos que se seguiram, mostrando a localização aproximada de algumas etnias.



IBGE, 1981

Os Carijô são mencionados em vários relatos já no início do século XVI, como se vê em outro trecho da obra supra citada de Julio Moreira em que o autor remete a célebres expedições européias de reconhecimento a partir do litoral catarinense, rumo aos campos de Curitiba: “Indubitavelmente, a expedição francesa (*comandada por Paulmier de Gonneville, 1504*), aliada aos Carijós, fêz a subida para os campo e florestas do planalto” ou ainda “Guiado pelos índios Carijós, Cabeça de Vaca (1541) e seus soldados penetraram pela Babitonga até Três Barras e subindo a serra, alcançaram os campos do planalto. Daí rumaram para seu destino. Com a passagem dessa expedição castelhana, estava aberto o caminho desde São Francisco, Campos dos Ambrósios, Campos Gerais até o Paraguai” (MOREIRA, 1975).

A presença da população de origem africana na região ao sul de Curitiba, também encontra na historiografia e mesmo nas pesquisas de arqueologia, fartas referências, como é possível ler na recente publicação “Aconteceu nos Pinhais”, transcrevendo um relato de época : “Em 1814 os campos da fazenda Rio Grande,

que se principiavam do Rio Grande (*rio Iguaçu*) até as cabeceiras do ribeirão Maurício, com seus logradouros de capões, que teria léguas e meia de comprimento e outro tanto de largura, com suas terras lavradas dentro em si com umas moradas de casa de palha, com senzalas e cozinhas...” (LOPES, 2007). O trabalho exaustivo de arrolamento de fontes primárias (arquivos públicos, tabelionatos, cartórios etc.) encontrado nessa obra, auxilia em muito o entendimento da ocupação histórica da região em estudo inclusive no que concerne a antiguidade e persistência da toponímia. Em outro trecho temos: “Em 26 de abril de 1831 Antônio de Souza Fagundes vendeu para Pedro Teixeira da Cruz um campo denominado Diamante no bairro Mandirituba, cujo campo era entre dois rios, uma era o dito córrego do Diamante e o outro era o ribeirão da Onça...”

Com relação aos estudos sistemáticos de arqueologia na região, a bacia do alto Iguaçu foi palco das primeiras pesquisas já na década de 1960, realizadas pelo então Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da UFPR nos municípios de Balsa Nova, Porto Amazonas, Lapa, e Palmeira e mais tarde estendendo-se para a região de Curitiba.

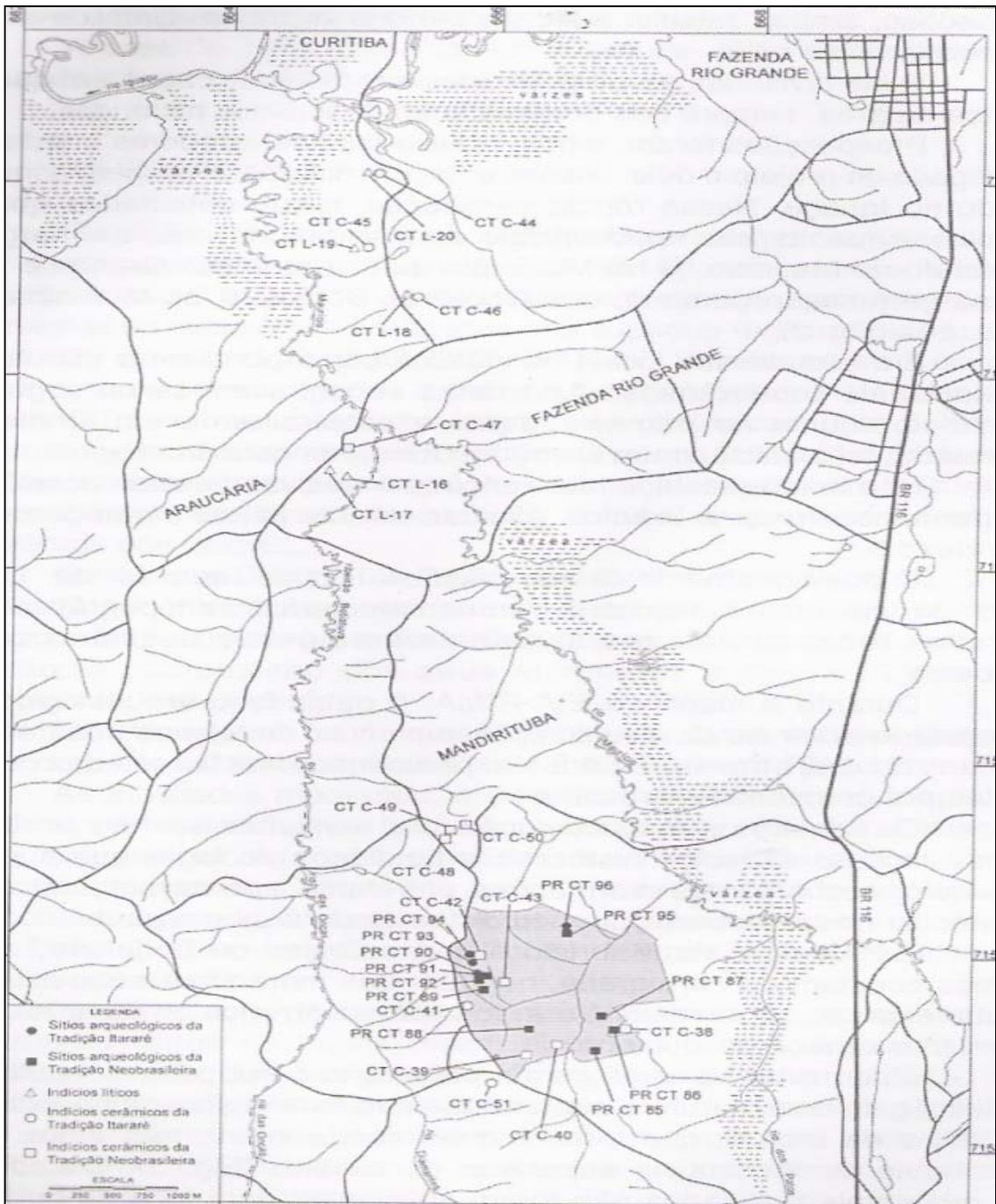
CHMYZ (1968), citando inclusive pesquisador paranaense do início do século XIX, relata que “os vestígios de casas subterrâneas que temos encontrado nas proximidades do rio Iguaçu, formando agrupamentos, ocupavam os flancos de elevações não muito pronunciadas e em zonas atualmente cobertas pelas matas de araucárias. Telêmaco Borba faz referências a casas subterrâneas ou “buracos de bugres”, como são melhor conhecidas, nos campos de Tibagi e de Curitiba”(CHMYZ, 1968).

Pesquisas mais recentes se desenvolveram em 2003 coordenadas pelo CEPA-UFPR, no município de Mandirituba, compreendendo várias etapas previstas no EIA-RIMA do Aterro Sanitário de Curitiba (Empresa CAVO), incluindo escavações de resgate arqueológico com resultados extremamente significativos para a arqueologia regional. Assim, foram localizados e estudados em área

contígua a uma das áreas do empreendimento atual (área Mandirituba), 12 sítios e 6 indícios arqueológicos, tanto na área diretamente afetada pelo empreendimento então previsto como em seu entorno. Em resumo, são “sítios das tradições Itararé e Neobrasileira. Casas subterrâneas foram escavadas em dois assentamentos Itararé. Uma delas revelou treze camadas de ocupações ocorridas entre 1010d.C. e 1340d. C. Estima-se que os sítios da tradição Neobrasileira foram implantados entre os séculos XVIII e XIX. Sítios com as mesmas características foram registrados no entorno da área, além de vestígios da tradição pré-ceramista Umbu.” (CHMYZ *et ali*, 2003).

A região foi objeto de outras pesquisas arqueológicas (a confirmar) em função da instalação de gasoduto e de linha de transmissão.

O quadro da ocupação regional pré-histórica e histórica aqui sintetizado demonstra, de maneira inequívoca, o altíssimo valor científico já detectado pela arqueologia e, o alto potencial para novas pesquisas.



Área estudada pelo CEPA-UFPR em 2003, Mandirituba (CHMYZ et al, 2003)

5 – RESULTADOS

5.1 – Área – Curitiba (148,17 ha)

Dias de campo = 22 e 23 de maio-2008

Cobertura aproximada (ADA)= 25%

Total entrevistas = 04 moradores locais. (demais dados em arquivo) =

Eurídes Ribeiro, Nelson Dudge, Antônio Gai e João Pilati

Material coletado *in situ* (ADA) = 02 lascas em sílexito. UTM-7167231 – 666745, setor nordeste da área, próximo riacho baixa encosta, solo erodido e lixiviado, saibreira.

Material recebido em doação = Mão de pilão em pedra, intacta, coletada há 50 anos nas proximidades do atual aterro da Caximba (UTM aprox. = 7166243 – 667802). Doador Antônio Gai, 74 anos, morador há 55 anos no local, R. Pedro Gai 6370, ao lado da área de estudo. obs. = os demais dados técnicos da peça doada estão em fase de estudo.



Visualização de barranco - área Curitiba (foto: Priscila Busatto)



setor .nordeste da área Curitiba, local com material arqueológico lítico. (foto: Priscila Busatto)



Sr. Antônio Gai segurando mão de pilão doada, área Curitiba (foto: Priscila Busatto)

5.2 – Área – Mandirituba (177,73 ha)

Dias de campo = 23, 24 e 28 maio 2008

Cobertura aproximada (ADA)= 30%

Total entrevistas = 10 moradores locais. Maria Elisa Mendes Lucas, Senhorinha Dias dos Santos, Pedro Padilha, Maria Wolf, Nivaldo Teider, Silvia T. Bozza, Rosa F. Alves Andrade, Cristina Brunetti, Odilon Brunetti e Wilmar Wüñch,

Material coletado *in situ* (ADA) = 05 fragmentos cerâmicos Itararé e neobrasileiro, UTM = 7154531 – 666509, setor norte área Mandirituba, leito de estrada carroçável, topo colina alongada.

01 fragmento de lâmina de machado polida, UTM = 7155121 – 6667444, leito de estrada para extração de eucalipto, meia encosta suave e próximo a extenso valo histórico de antiga divisão de propriedade (UTM = 7155053 – 666711)

Material recebido em doação = 02 mãos de pilão doadas por Nivaldo Teider, comunidade Diamante, localizado nas prox. da UTM = 7152484 – 666410 em roça de milho em frente a residência do provável doador e fora da ADA; e

01 fragmento de extremidade de mão de pilão doado por Wilmar Wüñsch, chácara Primavera, comunidade Ganchinho, setor oeste da área de Mandirituba (UTM = 7155432 – 666577)

Obs = o entrevistado Nivaldo Teider informou que diversos moradores antigos da região remetem a caminhos remanescentes do tropeirismo do século XVIII e XIX.



Silvia T. Bozza e Nivaldo Teider (dir.), com material arqueológico ainda em trâmites de doação, área Mandirituba (Foto: Priscila Busatto)



Ilustração 1 extremidade de mão de pilão doada por Wilmar Wunsch, área Mandirituba (Foto: Júlio Tomaz)



Ilustração 2 fragmento de lâmina de machado encontrada *in situ*- área Mandirituba (Foto: Júlio Tomaz)

5.3 – Área- Fazenda Rio Grande (262,22 ha)

Dias de campo = 28 e 29 de maio 2008

Cobertura aproximada (ADA)= 25%

Total entrevistas = 04. Ignês Purcote Ferreira, Nilda Wosniak, Vital Francisco Wosniak e Lucia Falati

Material coletado *in situ* (ADA) = 00

Material recebido em doação = 01 pilão (almofariz, base) intacto em pedra, coletado há aproximadamente 40 anos em extração de barro ao lado da casa do doador Sr. Vital Wosniak. A peça estava em uso dentro de um canil ao lado da casa do doador. End. = Olaria Irmãos Wosniak, atual continuação da Av. Portugal, nº5, antiga estrada para Rio Negro. UTM = 7157405 – 671279. obs = demais dados técnicos da peça em fase de estudo.

01 Lâmina de machado semi-completa e recentemente fragmentada em 04 partes, doada por Lucia Falati, 76 anos, moradora no local a 30 anos. A doadora informou que achou a peça há cerca de 15 anos próximo a sua casa, bairro Passo Amarelo, próximo a capela Nossa Senhora dos Milagres, Fazenda Rio Grande.



Caminhamento setor leste, área Fazenda Rio Grande (Foto: Júlio Tomaz)



Sr Vital Wosniak e pilão doado , área Fazenda Rio Grande (Foto: Priscila Busatto)



Detalhe pilão doado por Vital Wosniak (Foto: Júlio Tomaz)



Ilustração 3 lâmina de machado fragmentada doada por Lúcia Falati, área Fazenda Rio Grande (Foto: Júlio Tomaz)

6 – CONCLUSÃO E RECOMENDAÇÕES

Corroborando as entrevistas, o levantamento não sistemático de campo, aponta o alto potencial das áreas, sendo que a de Mandirituba e de Fazenda Rio Grande possuem características de ocupação de solo e ambientais (topografia, hidrografia, áreas semi-intactas com remanescentes vegetais, etc) que as colocam em situação ainda mais favorável para a ocorrência de sítios arqueológicos preservados.

A área de Curitiba, não obstante ser a mais impactada por ação antrópica, ainda assim apresenta condições dessas mesmas ocorrências, porém não de sítios estruturados e preservados.

Ressalta-se que as já mencionadas pesquisas realizadas pelo CEPA-UFPR em 2003 em Mandirituba, com resultados altamente positivos, abrangeram uma área imediatamente contígua à área atual proposta para o empreendimento. Também tendo em vista que a quase totalidade dos entrevistados remeteram a locais contendo material arqueológico e/ou “buracos de bugre” tanto nas respectivas áreas diretamente afetadas quanto nas áreas de entorno do empreendimento projetado, pode-se afirmar que é imprescindível à necessidade de estudos de arqueologia preventiva em todas as três áreas abordadas pelo presente estudo preliminar.

Para tanto, conforme a Portaria 230 do IPHAN- 2002 seja qual for a área escolhida para receber o empreendimento, as etapas de licenciamento devem ser precedidas do Diagnóstico Arqueológico, do Levantamento Prospectivo e de eventual Programa de Resgate Arqueológico, além, dos Programas de Educação Patrimonial e de Monitoramento Arqueológico.

7 – Bibliografia

CHMYZ, I. Subsídios Para o Estudo Arqueológico do Vale do Rio Iguaçu. Revista do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas – UFPR- n1, Curitiba, 1968

CHMYZ, I. . Arqueologia de Curitiba. Boletim Informativo da Casa Romário Martins, Curitiba, 1995

CHMYZ I. *et al.* A Arqueologia da Área do Aterro Sanitário da Região Metropolitana de Curitiba, em Mandirituba, Paraná. Revista do CEPA-UFPR, número especial, volume 2. Curitiba, 2003

CHMYZ, I. e L.L. Brochier. Proposta de Zoneamento Arqueológico para o Município de Curitiba. Revista do CEPA-UFPR, volume 8, Curitiba, 2004

IBGE Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Fundação Nacional Pró-Memória, Rio de Janeiro, 1981.

KASHIMOTO E. M., Variáveis Ambientais e Arqueológicas no alto Paraná. Tese de Doutorado, USP, 1997

LOPES, J.C.V. Aconteceu nos Pinhais – Subsídios para as Histórias dos Municípios do Paraná Tradicional do Planalto Editora Progressiva. Curitiba, 2007

MARTINS, R.. História do Paraná. Curitiba Editora Guaira, 1939

MOREIRA J.Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá. Imprensa Oficial do Paraná. Curitiba, 1975.

SGANZERLA, E.M. *et al* A arqueologia do Contorno Leste de Curitiba, CEPA-UFPR, 1996

WESTPHALEN, C. M.; CARDOSO, J.C. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba, Livraria do Chiam, Editora, 1980.